SERMAM
DO SANTISSIMO
SACRAMENTO,

EXPOSTO NO REAL CONVENTO DE S. FRANCISCO DA CIDADE de Lisboa Occidental, no terceiro dia do Carnaval treze de Fevereiro de 1725.

DEDICADO

AO EXCELLENTISSIMO SENHOR

D. CARLOS DE NORONHA,

CONDE DE VALLADARES, DO CONSELHO DE S. MAGESTADE, e seu Gentil-homem da Camera, Commendador das Commendas de S. Joaõ da Castanheira, Saõ Juliaõ de Monte-negro, Santa Maria de Beade, e Santa Maria de Locores da Ordem de Christo, e Ministro da Veneravel Ordem Terceira.

POR ESTEVAM DOS SANTOS BRANDAM,

Correyo mór da Cidade de Braga, e Definidor da mesma Ordem.

PRE'GOU-O OM. R. P. M.

FR. EUSEBIO DE S. MARIA,

DA ORDEM DE S. FRANCISCO DA PROVINCIA DE Portugal, Leitor de Vespera, e Qualificador do Santo Officio.

LISBOA OCCIDENTAL,

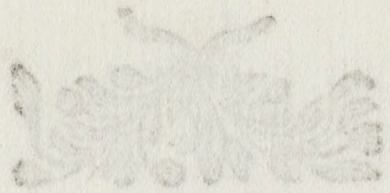
Na Officina dos Herdeiros de PASCHOAL DA SYLVA,

M. DCCXXV.

Com todas as licenças necessarias.

1
G8

LISBOA OCCIDENTAL



S. ANTONIO DE LISBOA

PADROEIRO DO EXERCITO PORTUGUEZ

S. VICENTE DE FORA

EXCELLENTISSIMO
SENHOR.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

ESTE *Sermaõ, a que ſeu Author poz por titulo* Rizos do Ceo, e Prantos do Mundo (*taõ doutamente prégado, como goſtoſamente ouvido*) *offereço com razaõ a V. Excellencia; naõ ſó por ſer hum dos que mais o ſoube applaudir, como por ſer o que na Meſa*

2
68

deſta Veneravel Ordem Terceira tem o ſuperior lugar de noſſo Miniſtro, e o melhor voto em toda a materia. E como reconheci, que foy tanto de ſeu agrado, que lhe poz as ultimas balizas ao deſejo; me vali da minha induſtria, para o manifeſtar aos ſeus olhos eſtampado; pedindo-o repetidas vezes a ſeu Author, que com ſumiſſoens de humildade me negava por indigno, o que procurey para elevado aſſumpto de ſeus applauſos.

E poſto, que o alcancey com o protéſto de o ler ſómente; naõ ſe me deo de deſacreditar minha palavra, por grangear creditos para taõ grande Orador, que na deſeſtimaçaõ da propria obra, ſe faz digno de mayores elogios; ſendo o deſprezo da eloquencia requintado abono de ſeu engenho. Ao Povo Romano nunca quiz dar Cicero por eſcrito a Oraçaõ, que lhe recitára; naõ querendo fiar da penna a gloria, que lhe dera a lingua. Do meſmo modo uſou Aſclepio com os Argivos, e Demosthenes com os Athenienſes: e ſendo em todos grande a deſconfiança de ſuas proprias obras em dallas por eſcrito (reputando-as por indignas de ſe divulgarem;) por iſſo meſmo, que temiaõ a cenſura dos ſabios, os acclamaraõ Princepes da Oratoria. E ſem que eſte receyo lhes ſervisſe de deſluſtre, foy Cicero o eſplendor de Roma, Aſclepio de Argos, e Demoſthenes de Athenas. Em eſta conſideraçaõ fica tambem acclamado o noſſo inſigne Orador, por hum dos mais perigrinos da noſſa Luſitania (ou moderna Athenas;) pois ſoube adquirir epitétos de erudito, vituperando a vangloria de ſabio.

Guevar. in Epiſt. familiar. fol. mihi 44.

Com o ſeu eſtudo deſempenhou aos Irmãos da Meſa, que o elegeraõ para o dia aſſignalado: e naõ menos ſe empenhou humilde (como verdadeiro filho da Religiaõ Serafica) em reputar por raſteiro methodo, o que nos ouvidos de todos ſoou em relevante eſtylo. E como ſeria magoa ficar eſte Sermaõ ſepultado no eſquecimento, o dey ao Prélo, para ficar eternizado na memoria. Compoz Virgilio ſua decantada

Eneida

neida às inſtancias de Auguſto; (como a rogos de Poliaõ
s prodigioſas Eglogas, e a recomendaçoens de Mecenas as
. eitaveis Georgicas; deſempenhando a todos com a elegan-
cia, e valentia de taõ numeroſos rithmos:) mas ſe naõ fora
a curioſidade de Auguſto, ſe lamentaria a pérca da arrogan-
te Eneida, ſendo conſumida no fogo, como ſeu Author que-
ria. Naõ merece logo ſer cenſurada a minha curioſidade, em
dar à luz taõ bom Sermaõ; por naõ ficar ſepultado no eſ-
quecimento; mas ſim para deixar mais illuſtrado ſeu Author,
que buſcando huma nova idéa, ſoube acommodar de tal ſor-
te o aſſumpto ao dia; que aſſombrou no elevado dos penſamen-
tos, na propriedade dos textos, na pureza da fraze, na no-
ticia da hiſtoria, e na perſuaſſaõ da Rhetorica: ſatisfazendo
de tal ſorte ao goſto, e à vontade de cada hum dos ouvintes,
que ſe dera todos por ſatisfeitos: O Rhetorico com os Tro-
pos, o Hiſtoriador com a noticia, o Grammatico com a fra-
ze, o Orador com a eloquencia, e o Eſcripturario com os tex-
tos: em cuja conformidade com goſtos taõ diverſos, ſe mani-
feſta a mais ſingular prerogativa.

Carolus Ruæus ad ulum Delph. in vir. Maron.

A mayor ſoberania, e prerogativa, que em ſi continha aquelle maná, que Deos mandava do Ceo para ſatisfaçaõ de vontades taõ diverſas, como as dos Iſraelitas, naõ conſiſtia em cauſar goſto de huma ſó couſa a ſingularidade do nectar; ou em ſer manjar taõ ſuperior, que ſe naõ podia appetecer couſa melhor; porque ſendo taõ ſingular, como digo, inda houveraõ homens, que delle deſgoſtáraõ: Anima noſtra jam nauſeat ſuper cibo iſto: *a donde eſteve a ſua mayor excellencia, foy em ſe conformar de tal ſorte com os goſtos de todos, que cada qual achava nelle aquillo, que appetecia: como pela diverſidade dos goſtos deſejavaõ quantas couſas lhes vinhaõ ao penſamento*: In mentem nobis veniunt cucumeres, & pepones, porrique; & cæpe, & allia: *achando no maná tudo o que queriaõ à medida dos ſeus deſejos; naõ tinhaõ mais que cobiçar*: Deſerviens uniuscujusque voluntati,

Num. 21. 5.

Ibid. 11. 5.

Sap. 16. 21.

3
98

tati, ad quod quiſque volebat convertebatur. *Eſta ſoberania do maná em ordem a ſatisfaç.õ dos goſtos, deſcubro eu neſte Sermão do Santiſſimo Sacramento, porque ſendo tambem manà o Sacramento, que contèm em ſi todo o exquiſito dos manjares, e diverſidade de delicias*: Omne delectamentum in ſe habentem, & omnis ſaporis ſuavitatem: *para agradar a todos, e perſuadillos, que ſó eſte era o verdadeiro manjar, era forçoſo, que prégaſſe o Author por eſte eſtylo, conformando-ſe com o genio de todos; para que goſtaſſem deſte Sermão do Sacramento, como de manà offerecido a vontade de cada hum*: De ſerviens uniuscujusque voluntati.

Ibid. 20.

Eſta he, Excellentiſſimo Senhor, a maravilha deſte Sermão, em breves palavras ponderado; bem que carecia de dilatados periodos. Nelle verà V. Excellencia por empreza a figura do Mundo, copiado em huma fermoſa Donzella, em quem ſe lê o Epygrafe: Ex cantu, mæror: *entre mais ſaſonados frutos, do que aquelles, que celebráraõ os Poetas nos apraſiveis hortos de Pomona: cuja figura ſendo riſcada ſem mais pinçel, que huma penna, e ſem mais cores, que a de huma ſó tinta; ſahio tanto ao proprio, que naõ ſerá neceſſario mais que olhar para eſta figura, para ſe conhecer o que he o Mundo. E ſe Appelles, por pintar ao natural as ſuas obras, mereceo pôr nellas ſeu nome*, Appelles faciebat, *do meſmo modo que na do celebrado Pantheon ſe lia a inſcripçaõ* Marcus Agripa fecit: *com mayor razaõ eſcrevi neſta obra o nome de ſeu Author, por retratar tanto ao proprio o Mundo com os ſeus enganos; ſendo nelle choro, o que no Ceo ſaõ rizos*, ex cantu, mæror; *cujas palavras ſaõ o titulo deſte Sermaõ, que ponho nas maõs de V. Excellencia, que Deos guarde. Lisboa Occidental 4. de Abril de 1725.*

The. ſaur. in Filoſoph. Mor. L. 7. ap 5.

O mais humilde ſervo de V. Excellencia.

Eſtevaõ dos Santos Brandaõ.

LICENÇAS

Do Santo Officio.

CENSURA DO P. M. Fr. MANOEL DA Eſperança, Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

POR ordem de Voſſa Eminencia vi o Sermaõ, de que faz menção eſta petiçaõ, ſeu Author o M. R. P. M. Fr. Euſebio de Santa Maria, Religioſo da Ordem de S. Franciſco, Qualificador do Santo Officio, e nelle não achey couſa alguma contra os dogmas da noſſa Santa Fé, nem bons coſtumes; e ſendo o titulo do Sermaõ, *Rizos do Ceo, e prantos do Mundo*, he muito juſto que ſaya à luz, para que com a ſua liçáo ſe multipliquem do Mundo os prantos, com a converſaõ dos peccadores; e eſtes prantos do Mundo, ſe converteràõ em rizos para o Ceo; porque ſempre para o Ceo ſervio de grande goſto a penitencia de hum peccador arrependido: *Gaudium eſt in Cœlo ſuper uno peccatore pœnitentiam agente.* Eſte o meu parecer. Voſſa Eminencia mandará o que for ſervido. Carmo de Lisboa Occidental 23. de Abril de 1725.

Fr. Manoel da Eſperança.

Do

Do Santo Officio.

CENSURA DO P. M. Fr. PEDRO DO Sacramento, Qualificador do Santo Officio.

EMINENTISSIMO SENHOR.

VI o Sermaõ, que o M. R. P. Meſtre Fr. Euſebio de Santa Maria, da Ordem do meu glorioſiſſimo Patriarca S. Franciſco prégou no ſeu Convento deſta Corte Occidental, em 13. de Fevereiro deſte preſente anno de 1725.

Naõ achey nelle couſa alguma contra noſſa Santa Fé, ou bons coſtumes. Achey ſim grande fundamento para preſumir, que quem o ler com attenção, poderá dizer delle, e do ſeu Author o que de Moyſés ſe diz no Capitulo 45. do Eccleſiaſtico: *Dilectus Deo, & hominibus, cujus memoria in benedictione eſt.* Eſte he o meu parecer, ſalvo ſempre o melhor. S. Domingos de Lisboa Occidental 30. de Abril de 1725.

Fr. Pedro do Sacramento.

VIſtas as informações póde-ſe imprimir o Sermaõ de que ſe trata, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença para correr, ſem a qual não correrá. Lisboa Occidental 30. de Abril de 1725.

Rocha. Fr. R. Alancaſtro. Cunha. Teyxeira. Sylva Cabedo.

Do

Do Ordinario.

VIſta a informação pódeſe imprimir o Sermaõ de que ſe trata, e depois de impreſſo tornará para ſe conferir, e dar licença que corra ſem a qual não correrá. Lisboa Occidental 9. de Julho de 1725.

D. J. A. de Lacedemonia.

Do Paço.

CENSURA DO P. Fr. BOAVENTURA DE S. Gião.

SENHOR.

POr ordem de V. Mageſtade vi o Sermaõ de Quarenta Horas, que prégou o M. R. P. M. Fr. Euſebio de Santa Maria, da Ordem Serafica da Provincia de Portugal, Leitor de Theologia, e Qualificador do Santo Officio: e he taõ ſingular a Idéa, e tão natural o Aſſumpto deſta Oração, que aquella não podia ſer melhor concebida, nem eſte mais bem achado para o intento, e para a celebridade; ponderando o Orador com tanta felicidade, e germanando com tal propriedade a qualidade do Aſſumpto com as circunſtancias do tempo; que não profere conceito, que aqui não venha cahindo; nem applica Texto, q̃ não venha aqui naſcendo.

5
58

Rizos do Ceo, e prantos do Mundo, he o titulo do Sermaõ, taõ bem apropriado, que o faz de nome. O rizo antigamente era do Mundo, e do Ceo o pranto; pois quando aquelle ſe alegra, eſte ſe lamenta: trocaraõ-ſe porém as ſortes; porque o Author lhe mudou as preſpectivas, e lhe deſmentio os ſemblantes, ſerenando o pranto com o rizo, e affogando o rizo naquelle pranto. Eraõ do Ceo as lagrimas, e do Mundo as alegrias; e porque ſe mudáraõ as correntes; do mundo ſaõ agora as triſtezas, e do Ceo os goſtos. Mas ſe de antes os prantos do Ceo erão lagrimas bem choradas, hoje os prantos do Mundo vem a ſer lagrimas perdidas. Finalmente eſtá tudo tão elegantemente propoſto, e com tanta deſcrição profererido, que ſe moſtrão mais alegres os rizos, e apparecem mais funeſtos os prantos. E por ſer eſte papel tão capaz de ſahir a publico, e não conter couſa que encontre o Real ſerviço de V. Mageſtade, o julgo benemerito do Prélo. Lisboa Occidental no Hoſpicio do Duque o primeiro de Agoſto de 1725.

Frey Boaventura de S. Giaõ.

QUe ſe poſſa imprimir viſto as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impreſſo tornarà à Meſa para ſe conferir, e tayxar, e ſem iſſo não correrà. Liſboa Occidental 6. de Agoſto de 1725.

Duque P. Pereira. Oliveira. Teixeira. Baracho. Bonicho.

DUODECIMI MENSIS TERTIA

decima die, quando cunctis Judæis interfectio parabatur, versa vice superiores esse cæperunt, & se de adversariis vindicare. Esther. c. 9. v. 1.

DIA alegre, e dia funebre; dia glorioso, e dia funesto; dia plauzivel, e dia lamentavel he o presente dia (Divina, e Humana Magestade.) Sey, que o gosto appareceo no Tribunal de Jupiter, dando querela contra a pena, de nunca largar a sua companhia; Jupiter, entendendo a sem razaõ da queixa, prende-os com huma cadea de diamantes, e disse-lhes: Ide, anday assim prezos pelo Mundo: seja obediencia, e pensaõ da vida, o que até agora pareceo na pena, travessura; sempre a pena acompanhe o gosto, que no Mundo naõ póde haver gosto sem pena. Esta foy a sentença fabulosa de Jupiter; porém a verdadeira contém o proverbio de Salamaõ; porque a alegria he presagio da tristeza, o gosto he vespera do luto: *Extrema gaudii luctus occupat.* Naõ estranho o proverbio, que tem a experiencia por abono; pois regularmente vemos, que entre luto, e gosto, entre rizo, e pranto só medea hum breve instante, como insinuou Christo: *Væ vobis, qui ridetis nunc, quia flebitis*; mas sempre corresponde a diversos tempos: o instante de rizo ata-se ao pranto de futuro; e o instante de pranto ata-se ao rizo já passado. Porém que o mes-

Plaut. in Phæd.

Prov. c. 14. v. 13.

Luc. c. 6. v. 25.

mo inſtante ſeja de rizo, e pranto, que a meſma hora ſeja de alegria, e triſteza; que o meſmo dia ſeja de goſto, e luto! Sim: tudo ſe acha em o preſente dia, e na preſente hora; ſem que o triſte deſmaia o alegre, ſem que o funeſto desluſtre o glorioſo.

Neſta hora, ou neſte dia expoem a Veneravel Ordem Terceira em Soberana Meſa aquelle Sacramento ineffavel, franqueando eſte celeſtial convite a todo o Chriſtianiſmo; e que outra couſa he, o chegarem os Catholicos em eſte dia do Carnaval àquella Divina Meſa, mais do que darem de maõ aos deleites do Mundo, e unirem-ſe a Chriſto por meyo daquelle ſuaviſſimo Nectar. Pois dia de hum taõ celebre convite he dia de pranto, e dia de rizo: de rizo para o Ceo, e de pranto para o Mundo. Eſte pranto do Mundo [illegible] rizo do Ceo hoje mais do que em outro qualquer dia, a vozes publica o Sagrado livro de Eſther.

Achavaõ-ſe eſcravos de Aſſuero, Rey dos Perſas, os Iſraelitas, quando o ſoberbo, e ambicioſo Amaõ, deſejoſo de totalmente aſſollar a Naçaõ de Iſrael, fez publicar hum Edicto taõ inhumano, e ſanguinolento, que ſem mais delicto, que ſua apprehenſaõ, mandava dar a morte a todos os Iſraelitas; aſſinando para a execuçaõ deſta crueldade o dia treze do mez ultimo, que ſe chamava Adar, e correſponde, como obſervou Abulenſe, ao noſſo Fevereiro, por ſe principiar então o anno em o mez de Março. E adverte o Sagrado Texto, que em o meſmo dia de tão lamentavel crueldade, preparou o tiranno Amam hum magnifico convite: *Rege, & Aman celebrante convivium.* Chega aos ouvidos de Eſther a noticia de tão funeſto Edicto contra a gente de ſua Nação, e deſejoſa de dar vida, aos que a mor ameaçava; vendo-ſe elevada até o throno de Eſpoſa de El-Rey Aſſuero; diſpoem outro mageſtoſo convite, e em elle pede ao Rey, vida, e liberdade para os de ſua Nação, e juſtiſſima morte do tiranno Amam. Ouvida com benevolencia a ſup-

In Exod. 12.

Eſther. 3. v. 15.

a ſupplica, deſpacha logo o Rey a petição, mandando a toda a preſſa pôr em huma forca a Amam, publicando juntamente decreto a favor dos Iſraelitas, e contra os que perturbaſſem a ſua tranquillidade; e iſto em o meſmo dia treze de Fevereiro, em que eſperavão os Iſraelitas ſua morte: *Et conſtituta eſt una ultionis dies, id eſt, tertia decima menſis duodecimi Adar.* Esther. c. 8. v. 13.

Eſta he, Senhores, a letra da hiſtoria; porèm quem não repara nella, e admira a ſingularidade da Divina Providencia? Aqui ſe vem dous banquetes: hum para o triunfo do ſoberbo Amam, e morte dos Iſraelitas; e outro para a vida dos Iſraelitas, e morte do tiranno Amam. Aqui ſe determina hum dia, para deſtruir o Povo de Deos, e o meſmo dia ſe vê convertido em huma grandiſſima felicidade deſſe Povo. Aqui ſe acha o dia treze de Fevereiro preparado para a mayor alegria dos Idolatras, e para a mayor triſteza do Povo de Iſrael; e ſe acha eſſe meſmo dia treze de Fevereiro convertido em a mayor alegria do Povo de Iſrael, e em a mayor triſteza dos perverſos Idolatras: *Duodecimi menſis &c.*

Haveis obſervado eſta rara Providencia? Pois vede em ella huma propriiſſima imagem, do que ſuccede. Não he hoje o dia, em que o Mundo tiranno Amam, celebra o convite profano de ſuas gulas, para dar morte aos Iſraelitas verdadeiros, os Catholicos? Diga-o a memoria das antigas Carnestollendas: *Aman celebrante convivium.* Pois veja-ſe hoje outro melhor convite da Igreja, Eſpoſa do Divino Aſſuero, em aquelle Altar, de donde dimana a vida verdadeira dos Catholicos, e a morte da profanidade do tiranno Mundo: *Convivium, quod regina paraverat.* Não he hoje treze de Fevereiro, quando determina o louco Mundo deſtruir com ſuas profanidades aos ſervos, não de Nabuco, ſenão do melhor Aſſuero, JESU CHRISTO? Pois veja-ſe eſte meſmo dia treze de Fevereiro, convertido em a mayor felicidade deſtes ditoſos ſervos. Não he hoje o dia preparado Esther. c. 6. v. 14.

parado para a perniciosa alegria dos mundanos, e para a mayor tristeza dos servos de JESU CHRISTO? Pois vejase este mesmo dia convertido em tristeza dos amadores do Mundo, e idolatras de seus deleites, e em a mayor alegria dos participantes daquelle delicioso convite: *Versa vice superiores esse cæperunt.* E se hoje treze de Fevereiro vemos as tristezas convertidas em alegrias; assuste-se o Mundo, e alegre-se o Ceo, sendo os rizos deste, e pranto daquelle tudo ao mesmo tempo: *Et constituta est &c.* Para que mais claramente manifeste o meu assumpto, e divisão delle, busquemos o rizo da Aurora com a Saudação Angelica. *Ave Maria.*

Duodecimi &c.

AH Mundo como es contrario ao Ceo! A seus Discipulos vaticinou Christo, haveria tempo, em que o Mundo risse, e elles chorassem: *Flebitis vos, mundus autem gaudebit.* E se tu Mundo es tão avesso, que para ti he rizo, o que para o Ceo he pranto: agora seja em ti pranto, o que para o Ceo he rizo. Entre varias figuras, com que a erudição descreveo o Mundo, he huma: huma donzella em hum ameno prado, tão fermosa, como disgraçada, porque os seus olhos de soes se convertião em rios. Tinha na mão hum açafate de sasonados frutos, nos quaes se prendião huns lasços. Nos arvoredos estavão humas aves, que em suaves melodias davão ao Ceo hum descante, e na donzella a letra: *Ex cantu, mœror*: do teu canto nasce o meu pranto. Esta donzella, como disse, he figura do Mundo, os pomos, que encobrião os lasços saõ os gostos, e deleites, com que o Mundo nos arma, para nos caçar, e dar a morte: as aves, que elevadas no canto, se esquecião dos pomos, saõ as almas verdadeiramente Catholicas, que desprezando os embustes do Mundo, se entregão à veneração, e applauso de Deos. E de o Mundo ver, que estas almas elevadas em o seu canto

Joan. c. 16. v. 20.

Paracel. l. de Præsagiis.

não

não cahem em os ſeus laſços, e percão a vida, chora, e ſuſpira, ſendo para o Mundo pranto, o que para o Ceo he rizo: *Ex cantu &c.* Ora já que o Mundo eſtá choroſo, e o Ceo feſtivo, eſta figura ſeja a empreza do Sermão, a que vem por thulo (*Rizos do Ceo, e prantos do Mundo.*) Tudo ſe vê no preſente dia treze de Fevereiro, em que o Mundo tiranno Amam, armando os laſços, para tirar a vida aos verdadeiros Iſraelitas, os Catholicos, chora o mao logro de ſeu ardil: *Verſa vice &c.*

Duas vidas tem o Chriſtianiſmo, huma natural, e outra myſtica: a natural conſiſte na união d'alma ao corpo: a myſtica conſiſte na união do Catholico a Chriſto, como a ſua cabeça: *Vos autem eſtis corpus Chriſti, & membra de membro.* De huma, e outra vida pertendia o Mundo neſte dia treze de Fevereiro, privar ao homem com o profano de ſeus banquetes, como diz Hugo: *Interfectio corporalis, & ſpiritualis parabatur*; porque com elles ſoltando-ſe a gula, deſenfreando-ſe a ira, e desbaratando-ſe o ſizo, perecia não ſó a vida temporal, mas tambem a myſtica. Pois que remedio? Que. Prepare a Divina Providencia outro muito oppoſto banquete, com que ſerenado o appetite, payxão, e livre alvedrio, em hum momento ſe ponhão em paz as potencias alteradas, corroborando-ſe huma, e outra vida, a vigores deſte convite; ſendo os ſeus effeitos excitação de rizo, e de pranto; de pranto para o Mundo, e de rizo para o Ceo. Ao expor Chriſto eſte banquete, o Ceo alegrou-ſe, o Mundo confundio-ſe; tanto aſſim, que muitos abjurarão a companhia de Chriſto: *Multi diſcipulorum ejus abierunt retrò.* E que razão tem o Mundo para ſe confundir, e o Ceo para ſe alegrar? Dizia Chriſto, que quem participaſſe deſte banquete, não havia de morrer: *Siquis ex ipſo manducaverit, non moriatur.* E como neſte convite ſe acha a conſervação da vida natural, e myſtica; o Mundo chora, o não poder com os ſeus laſços, privarnos de huma, e outra vida:

1. Cor. c. 12. v. 27.

Hug. ſuper Eſth. c. 2.

Joan. c. 6. v. 66.

Joan c. 6. v. 50.

Ex

Ex cantu &c. Siquis &c. Ora ſe o Mundo eſtá choroſo; vamos em dous diſcurſos ouvindo os prantos do Mundo. No primeiro diſcurſo ouvireis os prantos do Mundo, por não poder privar ao Chriſtianiſmo da vida temporal. No ſegundo ouvireis os prantos do meſmo Mundo, por não poder defraudar aos Catholicos da vida ſobrenatural, ou myſtica. Entremos nos diſcurſos.

Chora o Mundo, figurado em Amam, não poder com os ſeus banquetes enlaçar os Catholicos de ſorte, que os prive da vida natural: *Verſa vice &c. Ex cantu &c.* He de fé, que tres ſaõ os noſſos inimigos, Mundo, Demonio, e Carne. Com tudo nem a Carne, nem o Mundo armaõ ciladas ao Catholico, para o poſſuirem, ſenão para o entregarem ao Demonio; porque o Demonio he quem domina aos peccadores; porèm o Demonio para no dia de hoje fazer a ſua invaſaõ, não vem em peſſoa, manda ao Mundo, para que com os deleites do Carnaval mate ao homem. He certo, que nem ſó as penas, mas tambem os goſtos matão. Chilo filoſofo, Sophocles tragico, Dioniſio tiranno, e outros muitos por occaſiaõ de hum goſto exceſſivo exalarão a vida em hum deſmayo; e como aos Filoſofos pertence aſſignar a cauſa, do que vemos por experiencia, preguntão; como he poſſivel, que o goſto mate? O goſto he conveniente à natureza, porque naſce de ver, e conſeguir o que agrada, e recreia; e ſe goſto tem a propriedade de dilatar a vida, como póde originar a morte?

Reſpondem os Filoſofos, que no goſto dilata-ſe, e abre-ſe o coração, excitaõ-ſe os eſpiritos vitaes pela virtude appetitiva, e apprehenſiva, eſpalhaõ-ſe, e diffundem-ſe pelas extremidades do corpo, como querendo-ſe unir ao objecto, em que ſe deleitaõ; e aſſim ſendo o goſto moderado, de tal ſorte acodem às extremidades do corpo, que ainda ficaõ alentando o coraçaõ; e ſendo exceſſivo, deſemparaõ totalmente o coraçaõ, por ſe eſpalharem nas extremidades do corpo;

corpo; e como o coraçaõ ſe vê ſem eſpiritos vitaes, cahe em deſmayos, entra em parociſmos, e acaba desfavorecido, eſcondendo-ſe o verdugo da vida nos disfarces do gosto. Aſſim morre o homem nos braços da alegria, e aſſim morre o Catholico às maõs do deleite. Combate o Mundo os ſentidos do corpo com a laſcivia, paſſatempos, occioſidade, e regalos das iguarias; entregaõ-ſe as potencias d'alma a eſtes vicios, deſemparaõ o eſpirito, que deviaõ fortalecer na obſervancia dos preceitos Divinos, acodem às extremidades do corpo, deleitando-ſe em ſeus appetites; e vendo-ſe o eſpirito neſte deſemparo, acaba, e fenece a vida, disfarçando-ſe o veneno em o goſto, a morte no deleite, e o aſpid nas flores; ſendo liſonja para os ſentidos o meſmo verdugo da vida.

Ah Catholicos: como hieis errados nas demaſias deſtes dias! Neſte dia vos brindava o Mundo com banquetes, e cuidava o homem achar nas iguarias alento, para paſſar quarenta dias de Quareſma. Ah engano! E quando poz o Mundo a meſa, que naõ tiraſſe a vida? Os mais celebres banquetes, que refere a Eſcritura, foraõ quatro; o de Abſalam, o de Holofernes, o de Eſther, e o de Herodes. No de Abſalam perdeo Amnon a vida: *Amnon mortuus eſt.* No de Holofernes, o demaſiar-ſe eſte na gula, foy occaſiaõ para Judith lhe cortar ſeguramente a cabeça: *Abſcindit caput ejus.* No de Eſther, ſendo Amam convidado, o puzeraõ em huma forca: *Supenſus eſt itaque Aman.* No de Herodes nem ainda eſcapou a innocencia do Bautiſta: *Attulit caput ejus.* E ſe o Mundo nos banquetes disfarça mortes, como neſte dia buſcaveis vida nas ſuas iguarias? Diſcorrey pelas hiſtorias, e vereis, que nunca o Mundo poz a meſa, que naõ tiraſſe vidas. Valenciniano Ceſar em hum banquete de farto rebentou em ſangue. O Emperador Joviniano eſtalou de intemperado. Attila, aquelle aſſombro do Mundo, e eſpanto do Univerſo, cujas proezas experimentou Alemanha,

2. Reg. c. 13. v. 32. Judith. c. 13. v. 10. Eſther c. 7. v. 10. Marc. c. 6. v. 28.

Eſclavonia, Italia, e França. Pompeyo, aquelle inſigne Viſo-Rey de Napoles, Zenon, aquelle Emperador, que enterraraõ vivo, pelos deſgovernos, que fazia inebriado, quem lhe deo a morte, ſenaõ o Mundo nos ſeus banquetes?

Iſai. c. 22. v. 13. De certos homens conta a Sagrada Eſcritura, que exhortando-ſe de comum conſentimento, diziaõ: *Comedamus, & bibamus, cras enim moriemur.* Comamos, e bebamos, porque à manhãa havemos de morrer. Mas que fundamento tinhaõ eſtes homens, ou eſtes brutos, para pronoſticar, que ao outro dia haviaõ de morrer? O meſmo que elles diziaõ: *Comedamus, & bibamus.* Das demaſias da ſua gula inferiaõ a brevidade da ſua vida. *Cras enim moriemur.* Mas para que me valho de provas da Eſcritura, quando aos olhos moſtra eſſa verdade a experiencia; porque o comer ſem tempo, e ſem tento, ou ſem attençaõ gaſta o calor natural, entorpece os membros, engroſſa os humores, embota os pulſos, retarda as acçõeſ, e priſiona as potencias; porque nem ao homem lhe ſerve o diſcurſo, nem a eleiçaõ lhe aproveita, nem o juizo o encaminha, nem a prudencia o governa, privando-ſe totalmente o homem pelas intemperanças do comer, e beber naõ ſó da liberdade, mas tambem da vida; porque deſcompoſto o eſtomago com as ſuperfluidades da gula, de tal ſorte ſe confundem, e alteraõ os humores, que confuſos, e diſcordes entre ſi cauſaõ tantas doenças, que em breviſſimo tempo poem às portas da morte aos guloſos, ou intemperados: *Comedamus &c.*

O certo he, Senhores, que mais mortes ha feito a gula, que o cutelo; porque a eſte o move a juſtiça, ou a ira; e àquella o natural, e as delicias, inimigos mortaes dos viventes. Em o deleite mais ſaboroſo de hum manjar, eſtá diſfarçado hum achaque, e a mayor doença. Aquelle, que come pouco, e mal, vive muito, e bem; porèm aquelle, que come bem, e muito, vive pouco, e mal. Nunca ſe vio ſer dannoſo o pouco; o muito ſempre; porque a ſuperfluidade dos banquetes

he o lethal inimigo da vida. Sendo pois eſta verdade tão evidente, como a experiencia eſtà moſtrando a cada paſſo: Que razão haveria, que moveſſe aos homens, para que ſe demaſiaſſem com os regalos das iguarias, que o Mundo lhes offerece neſte dia; pertendendo achar no meſmo verdugo da vida, augmentos della? A razão mais modeſta, e capeada, com que o Mundo perſuadia, e perſuade a que vos demaſieis nos banquetes de hoje, he, que tendes para paſſar quarenta dias de jejum, e que he juſto vos alenteis, para podereis com abſtinencias de huma tão prolongada Quareſma. Eſta he a razão mais catholica, com que neſte dia vos perſuadia, e perſuade para os banquetes das Carnes tolleudas; e eſta he a razão mais enganoſa, com que o Mundo arma os ſeus laſços. Mas mente o Mundo, porque eſſe alento ſó o dá Chriſto Sacramentado em veſpera de Cinza.

Quando Elias perſeguido de Jeſabel, fugio das garras do ſeu furor, faltou-lhe o ſuſtento no deſerto, quando ainda lhe reſtavão quarenta dias, e quarenta noites, para chegar ao monte Oreb: vendo-ſe aſſim desfalecido, reclinou-ſe cançado. Ex que entregue ao ſono, deſperta-o hum Anjo: *Surge, comede.* Oh Elias, levantate, e come. Deſpertou Elias, e achou hum pão com cinza: *Ecce ſubcinericius panis*, e como ſoube era iguaria do Ceo, comeo o pão ſubcinericio: *Comedit*; e diz o Texto, que aquelle bocado lhe dera tal alento, que ſem cançaſſo, nem fatiga andara quarenta dias, e quarenta noites até chegar ao monte de Deos: *Et ambulavit in fortitudine cibi illius quadraginta diebus, & quadraginta noctibus uſque ad montem Dei.* Como aſſim: hum pão lhe deo fortaleza, para jejuar quarenta dias, e quarenta noites? Sim, que aquelle pão era figura do Sacramento, e eſtava envolto em cinzas; e quando o Sacramento ſe une com a cinza, quando a cinza ſe envolve com o Sacramento, dà fortaleza, para jejuar huma Quareſma, quarenta dias, e quarenta noites. Mente o Mundo quando perſuade,

3. Reg. c. 19. v. 7.

v. 9.

dá eſſe alento nos ſeus banquetes, que forças para jejuar huma Quareſma, nem ſó as dá a cinza no ſeu dia, nem o Sacramento em qualquer hora, mas ſim o Sacramento na veſpera de cinza: *Et ambulavit &c.*

E porque? Porque não baſta ſó a conſideração da cinza, ou a efficacia da Euchariſtia, para nos dar forças, e alento para jejuar huma Quareſma? Ha de ſer preciſamente o Sacramento nas veſperas de cinza? Sim, porque paſſar huma Quareſma jejuando, he paſſar quarenta dias penitente; e para hum Catholico ſe reſolver a penitencia, nem ſó baſta o Sacramento, nem ſó a conſideração da cinza: ha de ſer huma, e outra couſa. Quem deſenganou a David a ſer abſtinente? Foy contemplar na cinza, e juntamente na Euchariſtia: *Cinerem tanquam panem manducabam.* E não baſta receber a Euchariſtia, ou conſiderar na cinza, para reſolver a abſtinencias? Não, e porque? Direy; porque na cinza repreſenta-ſe a morte, na Euchariſtia a bemaventurança; e para o Catholico tomar forças, para fazer penitencia, he neceſſario, receber a Euchariſtia, em que a gloria ſe repreſenta, e juntamente conſiderar na cinza, em que a morte ſe figura.

Pſal. 101. v. 10.

Eſta differença ha, diz Lorino, entre os bemaventurados, condemnados, e viadores; que os bemaventurados comem aquelle pão ſem cinza: *Beati panem ſine cinere manducant.* Porque contemplão na bemaventurança, ſem conſiderar na morte, pois já a não temem: os damnados comem a cinza ſem pão *Damnati cinerem ſine pane.* Porque conſiderão na morte, ſem contemplar na bemaventurança, pois já a não eſperão. E nós os viadores, para nos reſolvermos a penitencia, hemos de comer o pão com cinza, hemos de receber aquelle Sacramento envolto em conſiderações da cinza: *Et dum vivimus conjungere debemus hujuſcemodi cogitationem cum meditatione lætâ beatitudinis.* Porque nos he neceſſario para eſta reſolução contemplar na gloria,

In Pſal. 101. v. 10.

gloria, figurada no Sacramento, e na morte repreſentada na cinza.

Mas porque? Para me reſolver a penitencias, não baſta conſiderar na morte, ou na gloria, na cinza, ou no pão; mas ha de ſer em huma, e outra couſa? Olhay, para hum homem ſe reſolver a penitencia, duas couſas ſaõ neceſſarias: deſengano da vida, e eſperança da gloria. Todos eſperão a gloria, e porque não fazem todos penitencia? Porque ſe não deſenganão da vida, que poderàõ acabar em mao eſtado, e ir para o Inferno. Muitos ſe deſenganão da vida, como Diogenes, e como Judas; e eſtes porque não fizerão penitencia? Porque não eſperavão a gloria. Judas por deſeſperado, Diogenes por ignorante. Deſorte, que para mover a penitencia, he neceſſario, eſperar a gloria, e deſenganar da vida. Pois como na cinza ſe repreſenta o deſengano da vida, na Euchariſtia a eſperança da gloria; poriſſo para mover a abſtinencias de quarenta dias de Quareſma, nem ſó baſta o Sacramento, nem ſó baſta a cinza, ha de ſer a cinza, e Sacramento, ou o Sacramento nas veſperas de cinza: *Cinerem &c.*

Cale-ſe, pois, o Mundo nos ſeus enganos, que ſe para as abſtinencias de huma Quareſma, nem ſó baſta o Sacramento, dando-ſe em iguaria, mas ſim he neceſſario, ſer envolto aquelle bocado nas conſiderações da cinza. Como poderá o Mundo com os ſeus banquetes alentar os Catholicos, para o jejum de quarenta dias? Enganáva-vos o Mundo com os ſeus convites; pois eſta fortaleza ſó ſe acha em aquelle celeſtial banquete, expoſto na veſpera de cinza: *Cinerem &c.* Mas para que me canço em perſuadir eſta verdade, quando a admiro hoje tão poſta em praxe, que o Mundo ſe confunde, ao meſmo tempo, que o Ceo ſe glorea. Glorea-ſe o Ceo, de ver a differença de tempos a tempos, e eſta meſma diverſidade de tempos ſerve de confuſaõ para o Mundo. Que ſe via em o dia de hoje neſta populoſa Cidade mais do que

chiſtes,

chiſtes, graças, motes, facecias, equivocações de peſſoas, transfigurações dos ſexos: machinas jocoſas, invençõ es rediculas; em fim quanto ſabe excogitar o engenho, e occioſidade para mover a rizo; deſcompondo-ſe com eſte a politica, e caridade chriſtãa, e ainda a meſma vida, pois a cada paſſo ſe vião os inſultos, e brigas, de que procedião milhares de mortes, e mortaes feridas; ſendo os inſtrumentos deſte deſtroço a nimiedade da gula.

Iſto he, o que em o dia de hoje ſe via em o tempo paſſado; porèm em contrapoſição do paſſado admiramos o preſente dia; porque ſe o paſſado era deſcompoſto, o preſente he modeſto: ſe o paſſado era gentilico, o preſente he Chriſtão: ſe o paſſado era impio, o preſente he ſanto, e tão ſanto, q ſó cuidão os Catholicos em dar ao Ceo goſto; e deſtes goſtos, ou rizos do Ceo naſcem os prantos do Mundo *Ex cantu &c.* Conſeguindo o Chriſtianiſmo hoje treze de Fevereiro, por meyo daquelle eſplendido banquete a vida natural, que o Mundo, figurado em Amam, pertendia tirarlhe com a profanidade de ſeus convites: *Interfectio &c. Duodecimi &c.*

Tambem o Mundo chora o não poder hoje com os ſeus regalos, iguarias, e profanidades privar ao Chriſtianiſmo da vida myſtica. Os Filoſofos controvertem: qual ſeja o principio da vida? Platão, e Galeno dizem, que he o cerebro, a cabeça. Ariſtoteles, e os Peripateticos dizem, ſer o coração. Decidamos o pleito, compondo as partes. Digo, que o coração, e cabeça ambos ſaõ principio da vida. No corpo fiſico o coração he principio da vida natural; porque delle naſcem os alentos da vida ao corpo fiſico. No corpo myſtico, a cabeça Chriſto he principio da vida ſobrenatural; porque delle brotão os influxos da graça ao corpo myſtico. E que o Catholico hoje conſerve eſta vida myſtica, he para o Mundo pranto, e para o Ceo rizo: *Ex cantu &c.* He rizo para o Ceo, o ver o como os Catholicos em o preſente dia

fogem

fogem aos embelecos do Mundo, que propondo as delicias como liſonja para o goſto; com eſte ardil pertendia ferir a cabeça Chriſto, para que não influiſſe em o corpo myſtico.

Em o dia de hoje tão fóra de ſi andavão os Catholicos, que entretendo-os o Mundo com as feſtas Bachanaes, de tal ſorte ſe entregavão aos profanos abuſos de bailes, jogos, e manjares guloſos, que ſem mais armas, que as de ſuas intemperanças davão a Chriſto huma forte bateria. Quando Moyſés deſceo do monte, o Povo eſtava idolatrando no bezerro com grandes alaridos. Joſué ouve os ecos, e diz: Eu ouço clamores de batalha: *Ululatus pugnæ auditur in caſtris.* Moyſés applica os ouvidos, e diz: aquillo ſaõ canticos de alegria: *Vocem cantantium ego audio.* Averigue-ſe eſte ponto. Clamores de guerra, e ecos de muſica não fazem a meſma conſonancia; pois qual deſtes ſe engana: Moyſés, ou Joſué? Nenhum, ambos ouvem bem. A verdade he, que o Povo cantava; mas pelas circunſtancias os ecos da muſica erão clamores de batalha. Eſtas feſtas dos Iſraelitas erão figura das Carnes tollendas, porque nos meſmos dias, que eſtava Deos em o monte cuberto com huma nuvem: *In caligine nubis*, figura de Chriſto Sacramentado, como diz São Jeronymo: *Per nubem Salvatoris corpus debemus accipere.* O Povo Iſraelitico, como o Catholico, andava em danças, jogos, meſas, ambos idolatrando: os Iſraelitas no bezerro, vós no Santo Entrudo, pois como diz Belarmino, idolatraveis nelle, quando guardaveis o Entrudo, como o dia Santo, tendo as logeas fechadas. Vós, e elles celebraveis feſtas Bachanaes, como Gentios: *More gentilium*; e eſtas feſtas Bachanaes ſendo liſonja dos ſentidos, para recrear o corpo: *Vocem &c.* erão inſtrumentos de batalha, que appreſentaveis a Chriſto *Ululatus &c.*

Exod. c. 32. v. 17.

In Pſal. 77. n. 14.

E como ſahia Chriſto deſta batalha? Reſponda o meſmo Chriſto: em os dias do Carnaval appareceo a Santa Getrudes ferido, enſangoentado, e com o deſmayo das feridas pedio a Getru-

Lib 4. c. 15.

12
G8

a Getrudes, o reclinaſſe no peito. Que he iſto Deos meu, e meu Jeſu? Vós ferido, vós deſmayado? Quem renovou as chagas doloroſas, que vos abrirão no Calvario! Quem renovou a guerra ſanguinolenta, que vos fizerão em Jeruſalem? Quem foy o atrevido, que ultrajando o ſagrado, feriu este corpo? Quem havia de ſer, diz Chriſto, os inſultos, os deſacatos, as demaſias, as deſenvolturas, os abuſos deſtes dias. Tão graves, e tão abominaveis ſaõ as culpas do Carnaval, que em viva guerra me abrem eſtas feridas. Ah peccador, como hias inconſiderado nos paſſatempos das Carnes tollendas! Não poſſo moſtrarte aos olhos as feridas, que abrias em Chriſto, que eſſe favor das viſtas reſervou Deos para huma Getrudes; mas o que Getrudes vio, e ouvio, ouves tu, ainda, que o não ves: ouves o quanto a Deos ferias; e ſe hoje te abſtens deſtes abuſos, he porque aquelle Sacramento te dá luz, para reprimires a efficacia, com que a Chriſto perſeguias.

São Paulo foy o mayor verdugo, que teve a Chriſtandade, pertinaz em o ſeu peccado, perſeguidor de Jeſu Chriſto. Act. c. 9. v. 3. Caminhando para Damaſco, ouvio huma voz: *Saule, Saule quid me perſequeris.* Saulo, Saulo, que razão tens de me perſeguir? Ouve Paulo eſta voz, cerca-o huma luz: *Circumfulſit eum lux*, cahe por terra: e já contrito, já compungido reſigna-ſe todo na vontade de Deos: *Domine quid me vis facere.* Ah Paulo, a huma voz ſe rende a tua furia? Se tu viras a peſſoa offendida, ou a compayxão te humanara, ou o reſpeito te prendera; mas dando credito a huma voz, a huma voz te rendes? Sim, que a eſſa voz juntou-ſe huma luz. In Pſal. 22. v. 1. the or. 2. n. 5. A luz he Chriſto Sacramentado: diz Fidele: *Circumfulſit eum lux: Chriſtus in hoſtia*; a voz he de Chriſto perſeguido: *Quid me &c.* Bem he verdade, que eu não vejo o que faço, mas ouço o que obro; não vejo a Chriſto ferido, mas ouço a Chriſto aggravado. E ao meſmo tempo, que a voz de Chriſto me dá a conhecer a culpa, a luz do Sacramento

mento convidame para a graça. E para eu dar de maõ à minha má vida, que mais he neceſſario. Ouço o damno, que faço a Chriſto: *Saule &c.* vejo me chama a luz do Sacramento: *Circumfulſit &c.* pois ſem demora deixo as culpas ... npo, deixo de maltratar a Chriſto: *Domine &c.*

O auxilios de Paulo tem o Catholico neſte dia; ſe não ve, ouve, quanto os abuſos do Carnaval ferem, e offendem a Chriſto; de outra parte as luzes daquelle Sacramento atrahe o homem para a ſua graça, a voz de Chriſto moſtra ao homem a ſua culpa; e ſe eſtes auxilios vos não deſpertárão a deixares o gentilico das feſtas Bachanaes, e buſcares o Templo, ſerieis mais ferozes, que hum Paulo; pois vendo, que feris a Chriſto com as culpas do tempo, repetieis os golpes, e continuaveis as feridas. Mas que razão póde haver, para as culpas deſtes dias abrirem em Chriſto chagas? As culpas dos mais dias não ſaõ graves, não taõ mortaes? Sim ſaõ mortaes, porèm tão graves não o ſaõ. Os peccados deſtes dias ſaõ mais pezados, ſaõ mais eſcandaloſos, porque injurião a Fé Catholica.

Hum Embayxador do Grão Turco eſteve em Roma, e ao voltar-ſe para a ſua Patria, perguntoulhe o Grão Turco; que vira de novo? Vi, Senhor, o que não crera, ſe o não vira. Vi os Catholicos nas veſperas de cinza andarem loucos pelas ruas, e guloſos pelas Hoſtiarias, ſendo a ſua Quareſma tempo de penitencia; ſendo a ſua cinza deſengano da vida, para eſte deſengano, para eſta penitencia preparão-ſe com demaſias, loucuras, e incontinencias. E eſta, Senhor, he a Fé, e Religiãc dos Catholicos! Ah Fé, que afrontas experimentavas pelos abuſos do Santo Introito. Não he tua a falta, noſſa era a culpa. E porque eſtas do Carnaval injuriavão a Fé, ferião mais a Chriſto, e ameaçavão mór caſtigo.

Os peccados da adultera eſcreveo Chriſto na terra: *Digito ſcribebat in terra*; os delictos de Balthaſar eſculpio hum Anjo na parede: *In ſuperficie parietis*. Era o peccado da

Joan. c. 8. v. 6.
Dan. c. 5. v. 5.

adultera contra a juſtiça, e continencia; era o peccado de Balthaſar contra a Fé, e Religião, profanando os vaſos ſagrados. E peccados contra a Religião, eſculpem-ſe na parede, onde nunca ſe apaguem; peccados contra as mais virtudes eſcrevem-ſe na terra, onde com o pó ſe deſvane[illegible] peccados, com que a Fé ſe injuria, e mal trata não ſe apaguem, eſtejão preſentes na memoria de Deos para o caſtigo: *In ſuperficie &c. Digito &c.* Mas oh quanto mais graves ſaõ as culpas do Carnaval, que as culpas de Balthaſar! As de Balthaſar eſculpirão-ſe na parede: *In ſuperficie &c.* as do Carnaval imprimiaõ-ſe no Corpo do meſmo Chriſto, a quem ferião, a quem enſangoentavão. E ſe as culpas de Balthaſar forão, e ſaõ caſtigadas no Inferno, porque ficarão eſcritas na parede; quantos infernos merecião as culpas das Carnes tollendas, que ſe eſcrevião no Corpo de Chriſto com o ſeu proprio ſangue. E como a Chriſto lhe doiaõ tanto eſtas culpas, poriſſo lhe applicou o remedio, expondo-ſe Sacramentado em aquelle throno, para que dando os Catholicos de maõ às profanidades deſtes dias, com que ſe maltratava a Cabeça do Corpo myſtico, conſervaſſem a vida ſobrenatural, que o Mundo, figurado em Amam, lhe intentava tirar: *Interfectio &c.* Sendo eſte ſoberano ardil de goſto para o Ceo, e de pranto para o Mundo: *Ex cantu &c. Duodecimi &c.*

Tendes ouvido os *Rizos do Ceo*, e *Prantos do Mundo*, titulo, que dey a eſte Sermão, deduzido de hum emblema do Mundo, huma donzella choroſa, porque as aves, elevadas nos ſeus cantos, não cahião nos ſeus laſços, com a letra: *Ex cantu &c.* Sendo dous os prantos do Mundo, hum por não tirar ao Chriſtianiſmo a vida natural, outro por não o privar da vida myſtica. E ao meſmo tempo, que o Mundo eſtá choroſo, vemos ao Ceo tão rizonho, que em jubilos de alegria eſtá applaudindo o como por meyo daquelle diviniſſimo convite conſeguem os Catholicos huma, e outra

vida.

vida. E ſe o Ceo eſtá hoje tão rizonho, não faltem em nós os applauſos, louvando a Divina Providencia; pois ella foy a inventora de tão Soberano antidoto; e aſſim poſtrados todos diante da Mageſtade daquelle já triunfante throno, io..emos a bondade daquelle Deos Sacramentado: *Te Deum laudamus.* A vós meu Deos confeſſamos Senhor das vidas, que hoje poſſuimos: *Te Dominum confitemur.* Cheios eſtão os Ceos, e a terra da Mageſtade de voſſa gloria: *Pleni ſunt cœli &c.* Dos Ceos o teſtemunhão os Anjos; da terra o teſtemunhão os olhos. Eſta Mageſtade vos dão os Anjos na gloria, eſta Mageſtade vos dão tambem os filhos de Franciſco em a terra; porque dos filhos de Franciſco eſtes ſaõ os da Terceira Ordem; e das Jerarquias Celeſtes os Anjos ſaõ da Ordem Terceira; que he proprio dos eſpiritos da Terceira Ordem exporem-vos neſſe throno cõ tanta gloria, e Mageſtade, que eſtá cheio o Ceo de paſmos, e a terra de admirações, vendo, que para eſſe throno ſe traſladou o Empyrio: *Pleni &c.* Pois Senhor, ſe para eſſe throno vieſte para nos dar huma, e outra vida com eſſe ſan.. Sacramentado, ſoccorreinos: *Te ergo quæſumus &c.* E pois aſſim de vós o eſperamos, não nos ſirva de confuſaõ a eternidade: *In te Domine &c.* mas ſim de muita gloria, *ad quam &c.*

FINIS.

Faculdade de Filosofia
Ciências e Letras
Biblioteca Central

BIBLIOTECA
4
ABR
41
Nº DE REG 2820

14
68

BIBLIOTECA
Biblioteca Central
Ciências e Letras
Faculdade de Filosofia